**Gin & Tônica IV**

**1. AQUI O MAR ACABA E A TERRA PRINCIPIA.**

1. Há uma sonoridade, um melancolia e uma abrangência de sentimentos que são impulsionados pela música, embora não seja qualquer música, Sim, desta que agora toca, não ao fundo, mas que toma todo o ambiente, embora e no entanto não se diga – uma interrupção, um abalo, uma volúpia, Não, apenas uma música, agora outra música – um e outro Deep House, similiforme, com chopp, um bela caneca, a música intensa, o sabor do chopp também intenso esperam ou simplesmente rememoram a Intensidade já perdida, ainda não esquecida, mas pretensamente intrigante, saborosa, tênue, lânguida, esguia, similiforme as deusas gregas, às deusas egípcias e às deusas nórdicas. O desejo desejante deseja desejá-la, cheirá-la.[[1]](#footnote-1)

2. Aqui já estive com ela, aqui nesta mesma mesa já estive com Ela, aquelas asas já me fizeram voar, aquelas asas já me fizeram desejar e sorrir, intensamente, Intensamente, muito diferente de hoje à tarde, triste, quase apático, quase só, estive só e mais só ainda quando ela, não Ela, chegou, não é mais uma busca, mas uma procura, uma triste e melancólica procura que em nada ou mesmo sobre nada enseja a vida, enseja essas intensidades sem fim ou sem fins, uma pausa, um gole, um olhar em torno, sem girar, sem buscar outras perspectivas, sem mesmo perceber que o que se busca não é sua presença, mas o seu cheiro, não o seu perfume, o seu cheiro seu suave e persistente e quase uma brisa, seu cheiro, sua suavidade que se perde na intensidade de seus cabelos quase negros, quase meus, mas nunca meus, jamais foram ou serão meus, jamais, jamais, triste, jamais.[[2]](#footnote-2)

3. Já não sei quantas músicas se passaram, o ambiente continua cheio, prenhe de possibilidades, aqui, sozinhos já não chegam, aqui, sozinhos já não escrevem, aqui, ver a escrever já assusta, causa pavor e talvez até medo, sem intensidades, sem amalgamas, somente na presença da cerveja, esta doce presença que amiúde vai embora, e em seu lugar deixa-nos não Morfeu, mas a saudade, essa doce e singela princesa, Sim, jamais uma rainha, jamais chegará à rainha, princesa, somente princesa a Saudade consolida-se entre os homens, ninguém quer viver de saudade, ninguém quer viver, Ninguém, Saudade e Intensidade presenças amargas quando consolidadas conjuntamente, quando espectralmente juntas, unidas pelo doce aroma da noite, pela brisa da chuva ao longe que sequer levá-los ou lava-nos da saudade da intensidade, da melancolia e destemida melancolia da saudade, da tênue saudade já dita.[[3]](#footnote-3)

4. Ao longe, muito ao longe, vemos, não, não será possível ver ao longe, pois mesmo na planície a noite encobre a todos, esconde-se nela mesma, sim, a noite pode vir a ser ela mesma sem se mostrar, assim como ocorreu-me em relação à Semi-Deusa, intensa e lânguida como a noite, aqui, nesta mesa de lounge bar, sem ter marcado com ela, sem que ela saiba sequer que estamos em sua cidade, espera-mo-la, Sim, Não, Sim, Não, Intensa, livre, sim, ela é livre como o espírito livre que aos poucos liberta-se da Intensidade para tornar-se ela mesma em intensidade, livre, arguta, trágica e sorridente, segue seus dias dormindo e nas noites extenuando-se em Intensidade e já no dia e na noite seguintes provocando, causando, possibilitando-se como Saudade, como Intensidade perdida, como livre pássaro que não voa por saber poder voar e esperar que já não tenha expectadores para sair em voo solo.[[4]](#footnote-4)

5. Aqui sem saberem que aqui estou, sequer eu sei porquê aqui estou, mas estou, triste, triste não descreve-me, o que descreve-me quando só quero descrevê-la, sim, e assim será até que essa ilusão se vá, se assim for possível, uma ilusão se vai ou se esvai algum dia, ou mesmo deixa de sê-lo ilusão, mas em que ela se transmuta, em realidade existente ou efetiva já não pode, pois se assim fosse, não seria ilusão, mas possibilidade, e em efetividade ela quer transmutar, mas a efetividade da ilusão em ilusão ela retorna, em ilusão, pausa, não quero, não devo, mas quando o olhar gira, em ilusão ele retorna, em saudade do que nunca fora ele retorna, em triste fim ele retorna, em tristeza de sê-lo apenas olhar quando o que se quer, o que se deseja é desejar e para desejar em desejo ele já não pode sê-lo ou mesmo coexistir com sua melancolia, com sua triste e doce saudade, da certeza da Intensidade perdida, distante, triste e pálida.[[5]](#footnote-5)

6. Outra música, já foram várias, ainda na segunda caneca de chopp, ainda na Saudade e sobre a Saudade tornada companheira, quase vejo-a, quase posso tocá-la tamanha a sua presença, tamanha a intensidade de sua presença, tamanha a melancolia de sua triste e tênue presença, sempre ao lado, sempre por dizer algo, mas sempre calada, pausa, muitas, muitas são suas formas, muitos são seus modos, mas poucos ou simples é seu modo de ser: intenso, belo e amargo, mesmo sem o sabe-lo ou mesmo sem querer, somente em desejo se consome, somente em desejo existe, somente em espera não do efetivar-se, mas da saudade que sequer lembra da vida, da intensidade da tristeza triste e solitária, ela saudade de sentir saudade e em mensagem tornar-se a escrever, tornar a rever, mesmo sem se encontrar, mas na certeza do poder ...[[6]](#footnote-6)

7. Finalmente os efeitos da cerveja começaram a se manifestar, finalmente senti algo distinto de Saudade, finalmente volto-me pra algo que é eu mesmo, que não é minha espera, que não parte de mim, mas escolha de outrem. Belíssima! Nunca, na presença dela, tive porque contar a quantidade de pétalas das asas, hoje sei, distante dela, embora nunca tenhamos sido próximos o suficiente para que Ela soubesse o quanto a mim, de mim, ela levou. Hoje espero, quando não deveria esperar, quando não deveria sequer escrever, quanto mais beber para escrever. Sim! Beber e escrever tornaram-se algo que me aproxima não dela, mas da Saudade dela, sem seu cheiro, sem sua intensidade, sem saber de seu sorriso, movido pela música, movido pela caneta, movido pela presença do papel, movido pela intensidade da lembrança convertida, transubstanciada ...[[7]](#footnote-7)

8. El Segredo de Karina Cristina – conozco tu secreto, conozco tu mensaje, Te espero cono nunca llegué a esperar a nadie, con una jarra de cerveza de barril, junto al anhelo, Te espero, hoy, para que mañana pueda soñar con no esperarte o ni sequiera recordarte, Je t’espère, aujourd’hui, pour que demain je puisse rever de ne pas t’attendre ni même de te souvenir, Ti auguro, oggi, così che domani possa sognare di non aspettarti e nem meno di ricordarti, I hope you, today, so that tomorrow I can dream of not waiting for you or even remembre you, Ich hoffe du heute, damit ich zu warten oder micha na dich zu erinnern. Digo o que sequer espero, algum dia, dizer, verbalizar tamanha loucura, sim, loucura, sentir o que sinto sem saber o que é o que sinto, embora tudo se converta em vontade de beber cerveja ... ser ...[[8]](#footnote-8)

1. Muito daquilo que pensamos ser possível: viver, pedalar, construir algo, tudo se esvai na necessidade de ler e de escrever diariamente. Tudo, tudo, muito, muito louco e sem sentido, sem nada de sentido, sem nada a dizer, sem nada à acrescentar a essa lamuriosa existência. Por quê continuar a escrever? E ainda, por quê ler, se se interessa somente sobre aquilo que se diz dela, e sem não sabem de sua existência: por que ainda escrever ou por que ainda ler? *Flame*, uma *louge music*, destas que invadem todo o ambiente, cuja pressão e possibilidade te faz querer voar, mas é tudo muito sem sentido, ou esquivo, ou mesmo sem mácula, mas simultaneamente intenso, como um espumante *bruit*, Sim, como um espumante, e da espuma dos espermas de Zeus nasceram os homens, efêmeros, sem sentidos, sem complexidade ou qualquer audácia. Nasceram de um nada, de uma espuma, talvez mais espuma não devido ao esperma, mas ao sal do mar, ao sal do oceano, ao sal de Oceânides! A bela! Belíssima! Tomar este espumante é como subir ao Monte Paschoal, uma subida sem limites, tortura aquele que caminha desde o seu início, ao pé da serra aparente, o *chateau* mostra-se tão próximo, tão íntimo, assim como o espumante que sempre borbulhante, mostra-se muito intenso, muito próximo, íntimo até. Eufórico, procuro onde sei que não vou encontra-la, pois onde há possibilidade lá já não vou, e se vou, vou com medo. Como se um carrasco a minha espreita lá estivesse. Como se um carrasco, por mim esperasse, por minha cabeça estivesse sedento por tê-la entre suas mãos. Ainda subindo o Monte Paschoal, com aquele suave e não sei dizer como, mas intenso sabor, da uva branca, da uva ainda por nascer a meus olhos, mas já desfeita nas bolhas que aos poucos vai diminuindo sua intensidade, seu volume. Aqui não são as olhas de sabão que Schopenhauer encontrou em Hegel, mas são as bolhas que fazem pensar, que fazem refletir, que fazem novamente sentido, que fazem novamente retornar. Tudo muito triste, solitário, mas era assim pra ser, o ser-solitário não se comunica, ele quer ser-? – *Eu sempre fui um sonhador, a Favela venceu, deixe-nos voar, quem será contra nós?* Tentação, tentação, tentação. Essa danada, essa Danada! Olha o movimento, tentação, tentação, tentação, fala do que eu estou cansado, instigado por essa Danada, será possível, escrever a partir do Funk? Será? Outra ilusão, assim, tão fácil? Isso causaria uma mudança completa nos rumos de uma vida repleta de sem sentidos. Deu até vontade de tomar uma outra dose de cachaça depois da mensagem dessa nova Senhorita que nos escreveu, e agora quer saber sobre o que estamos escrevendo. Eu digo sobre o que escrevo ou escrevo algo para ela? Escrevo para ela, sobre Ela! E agora, terei que tomar outra garrafa de vinho, vinho quente. Bora beber, pois a madrugada só está no começo, é isso que dá, começar a escrever no Crepúsculo, não se aguenta beber por toda a madrugada, coração de galinha, já todo pavão, que tristeza, decepcionei-me comigo mesmo, ela representa, envolvente, tentação, original, mais uma, explodiu, confesso que estou totalmente empolgado com essa música, nem sei quantas vezes ela já tocou, instigando-me, será possível, somente uma taça para concluir essa página? Não consigo ficar longe de você? Carinhosa, eu me apaixonei, mas em que eu me apaixonei? Sequer te beijei. Consigo, sim, mesmo que eu fique na deprê, fico longe de você. Oh, oh, oh... Ainda esperando a última taça. Ela me desafiou, tequila, terei que ouvir mais Funk, há ensinamentos profundos e relevantes, que ainda não tenho em minha vida, vou ter que gastar tempo nisso, estou perdido em suas amigas. Pausa, outra pausa, uma corneta, a cabeça girando, o corpo querendo outra garrafa de vinho, mas já decidimos, será a próxima a última taça. Eu tenho alma, um dia poderei falar toda a verdade. Já me perguntaram: o que é isso? Nem sei onde eu tô! Agora vai começar o combate, aqui não tem empate, bota a cara pra doer, o que vai acontecer? Rastejando, vai até o chão, uma surra, finaliza quando vai até o chão. Tá metendo o louco, não sou obrigado a nada, ninguém manda... Ninguém! Vem na tremidinha, pode se soltar. Ela não falou pra mim. Então, vem veneno, vem tremidinha. Se prepara, vai começar a sequência da jogada, pode dançar, não pode dança, pode dançar, não pode dançar. Quero te ver dançar. O que tu quer de mim? Desliza. Prepara. Finalmente, a garrafa secou, mas ainda temos uma taça. Vem jogando... Acho que quero outra garrafa. Vem cá menina, malvada. Acelera! Mais uma noite sem dormir, desespero... [↑](#footnote-ref-1)
2. Procurar por seu cheiro, Sim, procurar, esperar e tantos outros verbos transitivos diretos, transitivos indiretos ou mesmo intransitivos. Mas qual destes verbos ou destes qualificativos melhor descrevem-na? Isso não quero descobrir, isso não quero ou desejo encontrar, pois ter essa resposta seria ter um fim, ter um *thelos*, com ela não há finalidade, há intensidade, aliás, houve intensidade, agora somente as lembranças, mas sequer ela possibilitou-nos sonhar com Ela! Não, Não, Não! Foram sempre suas respostas, jamais desapontei-a, jamais sonhei com Ela! Foi-me apenas uma ilusão, sim, ilusão, Sim. Sim, ilusão não de sonhos, mas ilusões de cheiros e de toques, ilusões de sabores, ilusões entre vinhos, ilusões entre vinhos frizantes, por vezes foram três garrafas, jamais uma repetida, sempre uma nova, uma intensidade nova, uma outra intensidade, pois só sua presença já era motivo de intensidade. Sempre com Ela, e nada sem Ela fazia sentido na cidade dos sons exuberantes, na cidades dos cheiros frios e melancólicos, hoje já não vou lá, e se vou tudo se faz em lembrança de uma experiência ou na expectativa frustrada de uma outra experiência ou de um outro vivido que não ocorreu, que em pura possibilidade se desfez, em pura possibilidade esvaiu-se, sem jamais, agora Sim, sem jamais efetivar-se. Sem jamais encontrar-se ou se refazer. Mas refazer, é fazer novamente, e um novamente não há, uma ação totalmente inerte no tempo. Agora, fora do tempo, deixada no passado, assim como aquelas asas que nunca voaram, mas que em sua presença me fizeram voar. A procura torna a vida efêmera, sem sentido, mas o sentido não é algo criado por quem procura? Assim ensina-nos. Mas quem é o sujeito desse ensino? Quem é o sujeito desse novo dizer, quem é o sujeito desse novo modo de ser, ser-solitário, assim como a chave na porta, solitária, que espera a mão que fará da vida dela sentido quando manusear para trancar para uma noite escura e solitária, ou mesmo para abrir para um dia quente. E nisto resume a existência de uma chave, as pessoas não são chaves, são pontes, entre rios. – *Eu sempre fui um sonhador, a Favela venceu, deixe-nos voar, quem será contra nós?* Vamos acabar, pois daqui a pouco você tem que partir. Big, big big, toma toma, e detona. *Always*... Não acredito que estou fazendo isto, agora e novamente. Aqui, ouvindo essas mesmas músicas, quando eu deveria, mesmo que estivesse aqui, deveria ser na companhia de alguém. Deveria ser acompanhado, mesmo que a contragosto, mas acompanhado. E eles encistem em tocar as suas músicas, somente as suas; contudo, quem ouviria as minhas músicas. Já disse e repito: espero-te; agora, digo: esperei-te. A areia já está na metade e nada ocorre para que seu fluxo cesse, nada ocorre para que alguém gire-a e a parte que tem mais areia volte-se para cima, volte-se a meu favor, volte o tempo, acelere o tempo... cada uma dessas tristezas que senti e sinto, ser-te-ão cobradas, cada uma dessas mágoas sem dor, cada uma dessas dores sem mágoas, ser-te-ão cobradas. Quando eu vinha para cá ouvi: vivo por ti. Isso é tremendo, isso é medonho, isso é enfadonho, nem gin consegue apagar uma cálida frase dessa, nem gin no café da manhã consegue fazer esquecer que se disse uma frase dessa. A cada instante que passa sinto que a saudade deveria diminuir, sinto que sua ausência não deveria ser sentida, pois, acredito, que você não sente ou senti saudades minhas, não te culpo, jamais te culpei. Culpa? Sentimento inexiste conosco. O que houve foram apenas experiências, experimentos entre duas pessoas que estavam dispostas, naquele momento, a procurar ou a buscar formas livres seja no tato, seja no paladar. Experimentamos. Expressamos valores, expressamos impressões e expressamos até conceitos. Que loucura, sim. Que loucura! Vinho, sorrisos, e um conceito. Um único conceito nasceu de nossas conversas. Quem acreditaria que nasceria, no quarto de um hotel, um conceito. Não nasceram outros conceitos, não nasceram outras conversas tão livres, tão belas, tão dramáticas ou mesmo tão incômodas para nossos espíritos que provocasse a necessidade de se conceituar algo. À necessidade de conceituar, consegui, compartilhar contigo, e você compartilhou tanto comigo e eu, contigo, apenas um único conceito. O mais belo, o mais intenso. Sempre próxima, atenta e atenciosa você se mostrava, você se portava, você se encontrava enquanto eu me perdia, enquanto eu, em você, me perdia e me encontrava. Se não fui como o rio que corre, se não fui como o ser que desagua em mim, mas você, sempre ali, tão terna, tão bela, tão cheirosa, tão tão, somente sendo você. E eu, o que fui? Se em desespero pareço ter convertido-me agora, não! Isso não é desespero ou mesmo saudade. Mas, antes, a constatação de que as experiências vividas jamais se repetirão. Mas, aquela intensidade será possível retornar? Jamais... [↑](#footnote-ref-2)
3. Sim, vive-se na presença ou da ausência de músicas em nossas vidas. O que fazer quando a música sessar? O que é o inaudito? Como filosofar na presença do inaudito, como fazer dançar na presença desse deus não-grego, o Inaudito! Agora também as músicas fazem-nos pensar, possibilita-nos pensar, quanto maior o seu volume, quanto mais ela enche o ambiente, mais ela possibilita-nos escutarmo-nos, quanto maior o silêncio maior o pavor, maior a surdes de si mesmo. O tempo do silêncio acabou. É chegada a hora de esbravejar, é chegada a hora, ainda não de gritar, mas preencher o ambiente com música, com uma música incessante que nos faça consciente da ausência do silêncio até que a música mesma nos leve ou nos conduza ao silêncio. A Saudade é uma deusa ou uma maligna presença? Forte, audaciosa, sem perturbar ela chega e apossa-se de seu ser. Mas se você não possui um ser-, a música é sua única possibilidade, sua única possibilidade de se encher, como um ambiente seu corpo torna-se, seu corpo porta-se, seu corpo se constitui, como um ambiente em que a música habita, mas não será qualquer música, deverá ser uma música subjetiva, sem objetividade, sem persuasão, sem caminho, só volume. Aqui já não tem pausas, aqui já não faz sentido pausar, aqui já faz sentido. Pois, aqui é tudo sentido, somente sofrido porque o corpo sente a música, não em volume, mas em sua intensidade, em seu vibrar constante, em seu movimento e em seu retraimento, a caneca de chopp hoje não é sentida, somente lembrada, somente esperada. Lembrar e esperar não são caminhos próximos, são caminhos muitos distantes, talvez até contrários, talvez até antagônicos, sem possui um mesmo horizonte, sem possuir um mesmo sol, eles caminhos para rumos distantes, em terras e por terras distantes. Sempre aquela cidade vem em nosso horizonte, sempre aquela cidade deseja retornar, sempre aquela cidade desejamos a ela retornar, mas nunca por lá fomos, nunca por Passargada caminhamos, nunca por suas ruas perambulamos, pois já não caminhamos, somente perambulamos. A prime taça quase no fim. – *Eu sempre fui um sonhador, a Favela venceu, deixe-nos voar, quem será contra nós?* Cada uma dessas frases já me retornaram tantas vezes, e tantas vezes ou acalentei-as como única forma de te reencontrar ou relutei em não vê-las ou atende-las, mas elas vieram a mim novamente, talvez eu não tenha sido ríspido o suficiente para espantá-las. Desejei, desde que você foi embora, espantá-las algum dia? Uma dose, outra dose, e mesmo assim, don’t know why, silenciosamente você chegava e não batia na porta, você tocava-a gentilmente, e as portas sempre estiveram lá para esperá-la, assim como eu, elas também esperavam-te. Outro dia, naquele mesmo quarto, sempre aquele quarto, a porta não deixava-me entrar, porque pela vigésima vez eu retornava sozinho. E ela recusava-se abrir, ela protestou, eu jamais protestei, jamais protestarei. A senhorita que se dirigiu ao quarto para abrir-me à porta não entendia o que estava acontecendo, a porta silenciava, e eu calado... fingimos, entrei, coloquei música alta, rolling in the deep, e lá fiquei, como se nada eu fosse só alegria e aquela fosse a região da felicidade, na rua êxtase. Nada disso volveu todo aquele vazio, e se me encontro com uma outra mulher, quando vou-me do encontro saio mais vazio do que quando cheguei, saio mais triste do que quando cheguei, saio mais pesado, fast car, uma sensação inalcançável, uma sensação que, tristonhamente retorna. Hoje, neste instante, não beberei mais que uma taça de gin, sim, somente uma. Assim como foi você em minha vida: somente uma, una, intensa, completa, imensamente radiante e cheia de entusiasmo, sempre com projetos, sempre com boas histórias, com um sarcasmo quase maravilhoso quando ele não estava voltado para mim. Enquanto você estava onde eu pudesse vê-la, eu fui intensamente alegre, não sou infeliz, mas já fui mais intensamente alegre e radiante... A vida chega, e quando ela chega, Ela chega! Sei que não tivemos muitos encontros, sei que te disse que desisti de você, sim, eu disse que havia desistido de você, e hoje, infelizmente, não retorno dessa minha decisão. Sei que não retornarei, sei que não serei suficientemente forte para, a seu lado, resistir ao que for necessário, distancio-me, covardemente, concordaria, mas se sou pedra, você é pássaro. Jamais haveria possibilidade de vivermos juntos e felizes, você estaria, ao meu lado, feliz, somente enquanto descansasse entre seus voos. Não posso admitir isso: prender a quem se deve incentivar à voar. Como viver com uma decisão dessas, como viver sabendo da infelicidade, somente para cultivar o próprio ego, o próprio orgulho. Vivo hoje, sem tal orgulho, assim como vivo sem preconceitos. Se assim vivo, vivo porque ... [↑](#footnote-ref-3)
4. Já não queremos falar d’Ela! O que queremos é Ela: mesma. Mas ela não se dá, assim como a noite escura de São João da Cruz, sim, a noite escura da teologia, a noite escura da vida, a noite escura do corpo e só em corpo pensamos, e somente enquanto corpo pensamos, pois o pensamento é próprio só do corpo, pois somente ao corpo foi possibilitado pensar, a alma não pensa, o espírito não pensa! Pausa, uma outra pausa, um gole, um outro gole. Longe do fim, ainda na primeira taça, ainda por percorrer todo o caminho rumo ao Monte Paschoal, nesse caminho somos e não somos, o rio ao longe ficou, distante a cada passo, distante a cada degrau pretendido subir, a cada degrau pretendido ser superado. A Saudade não quer ser superada, a Intensidade não quer ser superada. Mas o que elas desejam? A Saudade em intensidade necessita renovar-se, não para fazer sofrer, mas para ela mesma sobreviver, Sim, a Saudade necessita de elementos que renovem a sua intensidade para que ela continue a existir, pois sem essas intensidades de Saudade em Lembrança ela será convertida, transformada, metamorfoseada, portanto deixará de existir, deixará de preencher o volume do espaço do corpo, assim como a música que sessa e não se faz sentir, a Saudade em saudade se transforma e desta em lembrança e da Lembrança, também singela, ingênua, deixa de existir, e coexiste somente em uma memória perene, triste e solitária e desta memória esvai-se sem qualquer intensidade, sem qualquer sentido. Sem sentido, a lembrança em esquecimento novamente metamorfeia-se. Da Intensidade do momento, do instante, da intensidade que causa saudade, e da perda dessa intensidade, em nada transforma-se, em um possível cumprimento, sem qualquer diálogo, sem qualquer comunicação, sem qualquer possibilidade de espera ou de um tido. Sim, Sim, Sim, e isso é o mais provável, o mais realizável, pois se em ilusão fora convertida, em ilusão se perdeu, e a perda não leva à comunicação. O desejo desejante deseja não desejar, mas deseja comunicar-se, deseja novamente possibilitar o diálogo. – *Eu sempre fui um sonhador, a Favela venceu, deixe-nos voar, quem será contra nós?* Não venha, you’re beatiful, rsrsrs, jamais esperei ou sonhei viver isso, jamais possibilitei tamanha intensidade, tamanha solidão, tamanha gratidão, tamanha responsabilidade e coerência... O pensamento, a imaginação, a saudade estão tão intensos hoje, que o gin já não faz efeito e deixa-me sozinho, quando eu gostaria de sua presença, de sua aguerrida presença, e que ela permanecesse até o meio-dia de amanhã, que já é hoje. As madrugadas contigo eram às gargalhadas. Talvez seja egoísmo, mas quando sinto saudades de vocês, não é só de você que sinto saudades, sinto saudade de sua presença, sinto saudade de seu cheiro, sinto saudade de suas tiradas mordazes, sinto saudades de seus elogios. Mas também sei que só amigos não seria-me possível sermos. Não vou reproduzir aquela música que tanto te incomodava, mas digo apenas que sermos amigos é improvável, é impossível! Um adendo em minha vida, era o que busca, meios de pensar, meios de extrapolar o convencional, meios de ultrapassar o normal, meios ou modos de constranger a alegria cotidiana, e a tudo isso você suplantou, e a tudo isso exerceu seu aufhebung, cada uma de suas histórias compõe um conjunto de encontro que tivemos. Talvez eu fosse apenas espelho, para você se ver ainda mais bela, ainda mais extrovertida e cheia de possibilidades, se assim foi, maravilhoso. Mas também espero que você não esteja triste por eu ter desistido de vossa senhoria. Você foi muito além de minhas expectativas, você foi muito além de minhas possibilidades, mas algo se efetivou. O que há ou será possível novamente... Se um dia, em um café, encontrar-te, espero que esteja sozinha ou com uma amiga para que eu possa, ao menos, elogiá-la. O que eu mais gostei na vida? Elogiar-te. Acredita? Respondi isso em uma entrevista, não passei, claro. Quem me contrataria com uma resposta dessas, eu não me contrataria... mas, ao menos, saí para jantar com a entrevistadora. Não foi um encontro maravilhoso, como foram cada uma das vezes que te vi, que te encontrei, the blowers daughter, se o violino falasse, se o violino cantasse... ele falaria seu nome, seu belo nome, doce Olyviaa; ele cantaria seu nome e seus projetos, sua beleza e leveza de espírito. Sim, um espírito livre, eternamente livre, como um espírito livre poderia voltar-se ou volver-se para uma pedra? Sim. Uma pedra e sequer há um caminho para que essa pedra por lá fique. Os girassóis não te encontraram, as estrelas sim, e o sol também é uma estrela Olyviaa. No silêncio da madrugada a saudade é ainda mais arrebatadora, o violino é ainda mais triste e as músicas são ainda mais intensas, só não é mais intenso que sua presença... [↑](#footnote-ref-4)
5. Finalmente a segunda taça chegou, intensa, intensa como a ilusão perdida, como se perdem as bolhas que brotam não se sabe de onde e nem pra onde se vão. Mas todas elas se vão tão rapidamente que a ilusão ora desejada se foi sem mesmo ser percebida, sem mesmo se ver o exato momento de sua partida, perdida. Triste. Melancólia? Será que ela realmente desejava uma Amizade? Será que a Ilusão em Amizade desejava metamorfosear? Será possível que a ilusão em Ilusão gostaria de deixa-lo de ser? Não consigo, pausa, um gole e outro gole, não consigo, será possível, será que era realmente verdade? Que em Amizade a Ilusão gostaria de metamorfosear, pois se assim fosse, isso de imediato resolveria a transformação da ilusão, sua possibilidade não era em outra Ilusão, mas em Amizade. Pois, tantas vezes nisso ela falou, nisso ela manteve seu diálogo, em amizade. Mas para nós, espíritos do corpo, ou mesmo corpo que só em corpo quer coexistir, uma amizade não seria-nos possível, e se assim fosse possível, seria muito triste ver aquele sorriso para outro sorriso corresponder, para outro sorriso que não o nosso, transcender. Isso já não toleramos, isso já não suportaríamos, conhecemo-nos um mínimo, conhecemo-nos em um mínimo, sem intensidade, sem noite ou sem dia, somente uma mesa com alguns papeis e pouquíssimos livros, algumas canetas e nada além disso, nada, sequer o Nada: compreendemos. O nada para nós é a consciência, um nada. Finalmente os efeitos da cachaça exercem-se sobre o frisante, o caminho do Monte Paschoal torna-se mais próximo? A consciência não é como a noite, ela é como ela mesma, triste e solitária. Como em explosão ela vista, mas se isto ocorrer durante a noite mais escura possível, pois se a explosão no dia ocorre, e ela diz ter sofrido ou sido agraciada por esse vivido em nada, absolutamente em nada ela será compreendida, e até em mentira será convertida. A noite escura de São João da Cruz é um caminho intenso, difícil de ser percorrido, pois exercita não o pensamento do dia, mas a escuridão que faz a noite ser noite, em noite transformar-se. – *Eu sempre fui um sonhador, a Favela venceu, deixe-nos voar, quem será contra nós?* No mais singelo dos momentos, temos alguns efeitos, temos algumas expectativas, mas os efeitos, na presença de Olyviaa, não podiam ser ditos, não podiam ser mencionados. Quase uma ditadura dos sentimentos, isso pode, isso não pode... Ela mudava de ideias assim como as nuvens mudam no dia, movimentam-se – tudo uma questão de interesses, mas quanto aos meus interesses, assim como em meu casamento, não eram considerados. Jamais foram considerados, jamais fui interrogado ou perguntado ou questionado sobre meus interesses, sobre as minhas vontades, e quando eu manifestava uma delas, rapidamente era persuadido a mudar de ideia, pois... pois... pois... Hoje digo: foda-se! Não sei se eu não teria uma recaída se Olyviaa viesse a convidar-me para um novo encontro. Não sei, não sei. Já pesei isso por algumas vezes distintas, em momentos distintos, em dias distintos e tive outras sentimentos distintos. Tudo é sentimento. Há sempre um querer e um não querer, há sempre uma vontade e uma má vontade, há sempre um desejo e uma repulsa, há sempre um voltar-se para ou um deixar-se de voltar, há um giro no olhar, há uma mudança na postura. E é isso que busco, é isso que procuro, já não busco. Há sempre um querer retornar, mas a vida não tem retornos ou passarelas, ela é uma pista, ora de mão simples, ora de mão dupla, ora de mão tripla, mas ela é uma via, uma ação, que não saberia dizer, se todos vão no mesmo sentido, se alguns vão e outros voltam, se ainda outros cruzam as vias, se cruzam as vidas, passando por onde não deveriam passar. Mas é a vida, é a essa coisa, quase louca, quase desvairada, nisso não rejeito Olyviaa, apenas já não quero ou desejo mais sua bela companhia. Sempre uma companhia agradável, afável, mas que se indispôs comigo, pois tínhamos e temos projetos distintos, projetos distantes... Não tenho vergonha ao assumir que, realmente, efetivamente, gostei dela; mas, digo, nunca, absolutamente nunca, deixei de desrespeitar suas vontades, mesmo quando elas eram-me totalmente adversas, improváveis ou desconexas como minhas possibilidades e efetividades. Busco, sim, algo mais suave, mais afável e palatável à minha vida, ao meu modo de vida, ao meu novo modo de vida. Espero, espero-te; não! Não venha, pois se vier talvez eu ainda não esteja preparado para recebê-la clara e distintamente. Sim, também não espero vê-la na rua, vê-la passar, quando se quer não ver, mas se quer tocar, sim. Tocá-la! Foi-me um sonho, uma realização, poder cheirá-la. Imagina o que seria de mim hoje sem sua presença, seu seu passado em consonância com meu, ora, passado... ou? [↑](#footnote-ref-5)
6. Novamente a deusa Saudade? Não, ela é quase uma presença maligna, mas também em maligna ela não pode se converter, pois se assim for, não poderemos, não deveremos, não será-nos possível deseja-la novamente, pois desejaríamos o Maligno. O maligno não nos pertence, o maligno a ela também não pertence. Pois, Ela é uma bel’alma, Sim, uma belíssima Alma, cujos raios são sempre erradiados de seus sorrisos, de sua presença, de sua Intensidade e em intensidade ela mesma converte-se. Ela, tão somente Ela, mas por que Ela? Por quê, não, a Intensidade? Por quê não o Desejo? Por quê não o Desejo desejante? Por que não, uma pausa, outra pausa, mas somente um gole, agora outro gole, ainda na mesma pausa, essa música não auxilia-nos em pensar, essa música faz com que queiramos dançar, não queremos dançar, queremos e somente queremos e somente desejamos desejá-la. Coisa: chata! Agora estamos em casa, e em casa podemos também comer, podemos não só beber, não só e novamente poder beber, aqui também podemos consumir algo diferente de álcool, ou diferente d’Ela mesma. A deusa Saudade em um nada ela se converte, em um nada metamorfeia-se, em um nada e em nada existe. Sim, algo triste, tão triste como a explosão da consciência em consciência se consome, ao explodir na noite escura, e quanto maior for a escuridão, quanto maior forem os medos, quanto maiores forem os desejos escondidos e escusos, quanto maiores forem os sentimentos podres que enchem nossa existência, quanto maiores forem as maldades de nossos espíritos, quanto maiores forem as violências de nossas almas – tanto maiores será a percepção dessa explosão, tanto maior será a percepção dessa luz, desse brilho que se faz no mais intenso da escuridão, no mais intenso da existência, sozinho, sem paixões ou mesmo sem saudades, ou mesmo sem intensidades, somente no grande e intenso escuro da noite, da noite solitária e tensa, sem vinho, sem gin, sem cachaça, só e nessa solidão se faz enquanto solidão da solidão mesma, da escura e sombria existência, sem sentido. – *Eu sempre fui um sonhador, a Favela venceu, deixe-nos voar, quem será contra nós?* Por muitos anos eu sonhei em chegar à favela, em chegar aos corações daqueles que realmente necessitam de receber um alento, de ter uma ordenação, de ter uma ordenação no caos... Pouco ou nada fora modificado em minha vida, em minha, ora esperançosa, vida. Espero-te como esperei-te! Mas não venha, pois se vier, talvez eu não receba-a, talvez eu tenha que mentir que não estou, quando o que quero é que venha e fique. Não quero que fique, não desejo mais presença, talvez, nunca tenha desejado sua efetiva presença, sua totalidade, mas tão somente alguém que se dispusesse em acompanhar-me nas novas experiências. Mas querer uma companhia já é muito, pois eu não aceitava qualquer companhia, neguei minha companhia a muitas, muitas belas senhoritas. E hoje se sou, sou porque neguei, sou porque afirmei, sou porque desejei, sou porque não sonhei, mas também sou porque sou. E não sou porque deveria ser, mas sou devido a ser, um eterno vir a ser que quero, sempre, pô-lo em movimento. Talvez seja uma vida injustificada, talvez seja uma vida que, efetivamente, nunca poderá vir a ser devido o seu eterno e infinito vir a ser. A bomba, embora tenha um único vir a ser, uma única finalidade, mas após sua finalidade executada, ela deixa de ser o que sempre foi, assim é a vida... A vida não pode ser revivida, não pode retornar e retomar o caminho, senão seguir um outro caminho... Mesmo a partir desse sabor quase icônico do gin, a goiaba sinaliza sua presença, ela marca sua presença com uma agudeza de sensibilidade, com uma agudeza de voracidade que me faz tremer! Num misto que não sei explicar, que ainda não sei experienciar, que ainda não experienciei, mas que desejo experimentar é a vida mesma, a vida sem amarras, a vida sem olerites ou contra-cheques, uma vida sem vida, é isso que sinto, é disso que corro, é disso que me distancio e foi na presença de Olyviaa que encontrei, momentaneamente, refúgio. Mas, logo percebi que aquilo não poderia ser um projeto, mesmo que tenha durado, de modo zen, 141 dias... Hoje sei que, assim como cometi erros, ela também cometeu-os, embora ela também estivesse querendo experimentar algumas coisas novas, algumas experiências novas, saborear outras sabores, saborear outras modalidades da vida... Mas a vida não admite outras vidas, a vida não admite outras possibilidades, a vida é uma deusa ciumenta e violenta. Aqueles que encontram outras alternativas logos são, indistintamente, tragados pela vida. Não espero isso para Olyviaa ou mesmo para mim, embora não encontre outra saída para o que vida nos reserva: uma maldade subjetiva, que aprisiona desejos e sabores, que aprisiona, que faz aprisionar, que faz deixar de desejar, nunca pedi o seu desejo, mas pedi... [↑](#footnote-ref-6)
7. Aqui também o espumante, acrescido da cachaça que fez o abre alas, que fez as vezes da cerveja que tantas vezes bebemos juntos, sem jamais, sermos um junto, mas tão somente seres justapostos, sim, seres justapostos que estavam unidos não por ser seres que devessem serem unidos, mas que tinham interesses. Sim, agora surge esse novo ser, mas esse ser que já foi, que já morreu, que já fora metamorfoseado em algo distinto que do, agora, pretendemos, do que, agora, realizamos, que agora sabemos. O grande deus do Interesse revelou-se, ou não teria sobrevivido da metamorfose da Saudade em Amizade? São muitas as dúvidas, e hoje somente uma garrafa não será possível descrevê-las todas. E apontar alguma possível saída, ainda algo irrealizável, ainda do mundo da possibilidade possível, ou mais precisamente, da possibilidade do impossível. Não temos respostas, talvez, talvez não temos sequer questionamento, talvez ainda não tenhamos sequer uma interrogação, talvez, permita-me um outro talvez, talvez, talvez não tenhamos ainda a pergunta essencial. Mas se Ela tivesse essa questão-interrogação-pergunta? Mas, se esse ser não se comunica mais, mas se esse ser se voltar a encontrar, provavelmente será mais rápido que a passagem do beija-flor, será mais rápido que qualquer possibilidade já pensada ou possibilitada, então não em que pensar, em que conjeturar, pois tudo não passará de um oi, pausa, pensávamos que hoje seria possível concluir esse texto, com essas notas, mas percebemos agora que o vinho que temos gelado é pouco e se colocarmos outro pra gelar, já não estaremos por aqui a tempo de escrever o restante destas páginas, então, antes que o vinho acabe, e que a noite também deixe de ser noite, escrevamos! Já cansados, pois desde que nos pusemos neste caminho só subimos, rumo ao Monte Paschoal, rumo ao *chateau*. E em nada e um nada convertemos, sequer suor temos, sequer saudade ou mesmo tristeza, mas tão somente em clareza de vida, em clareza de tristeza, em clareza na noite escura, é o que temos. E somente o que temos. Pausa, faremos uma mudança de intensidade, faremos uma mudança, uma prodigiosa mudança, mudança de ritmos, mudança de tonalidade. – *Eu sempre fui um sonhador, a Favela venceu, deixe-nos voar, quem será contra nós?* Open your eyes, mas para quê? Para ver coisas horríveis, coisas tremendamente horrendas? O que eu fiz: realizei o caminho contrário, fechei os olhos, tranquei-me em mim mesmo... mas isso é algo tão sorumbático, tão dileto, que sequer mencionar isso não é uma ação, mas quase a divulgação de um segredo... O que espero? Da vida? Pois, de você Olyviaa, já não espero que venha e se vier não me chame. Deixe-me passar, deixe-me vagar assim como vagam os fantasmas pelo meio dia da vida. Cada uma das frases, de suas frases, aquelas significativas foram guardadas, assim como a caixa guarda a joia e não conta o que está em seu interior, mesmo quando balançada, assim eu guardo cada uma daquelas frases, cada uma daquelas lapidares frases... Já não sei o que busco, não sei se busco ou se procuro. Há um abismo entre essas ações de buscar e de procurar. Não vou mencioná-las aqui, mas indico que: essa taça de gin com suco de goiaba está estupenda, está magnífica assim como Olyviaa esteve magnífica no Mercatto. Assim como ela esteve fantástica nas duas vezes em que fomos à churrascaria. Uma comemos ainda dentro do carro, na outra amplamente servidos e bem servidos, fomos. Eu ainda espero muito da vida, mas Olyviaa obriga à vida a ser-lhe mais generosa, obriga-a a ser-lhe generosa. Ela não faz acordos com a vida, ela impõe condições, ela faz ameaças e reafirma sua nobreza de espírito por assim proceder. Isso não te diz muito de Olyviaa, mas para mim diz: tudo. O essencial. O natural, o sobrenatural, e o atual. Já faz alguns dias que não conversamos, talvez semanas já tenham se passado desde a última vez em que estivemos juntos, embora jamais fomos juntos, mas no máximo ou talvez próximos, não em sonhos, mas na interconexão de algumas vontades, sequer de desejos compartilhamos. O que compartilhamos? Interesses, no máximo. É triste viver assim, mas parece-me que será o modo em que melhor viverei esses próximos dias, semanas, talvez meses. Maybe! Já não faço projetos, só não os destruo-os. Sim, uma vida de espera, é isso que o Cristianismo espera das pessoas: que elas esperem. Já esperei Olyviaa, deixei de esperá-la. A vida tem um tom arrogante, distante e quase mórbido. Pouco ou nada esperei da vida, embora tenha criado algumas ou muitas ilusões para suportar o insuportável. Mas a quem é permitido assim proceder? A quem é permitido assim postar-se, como se a um distante e mórbido sentimento de pertencimento, a um sentimento de franqueza, a um sentimento. Eis a guerra: os sentimentos. Como sorrir com alguém sem gostar desse alguém? Canalha, isso não sou ou fui... [↑](#footnote-ref-7)
8. Quando esperávamos algo totalmente novo a música surpreende-nos com algo inusitado, com algo antigo, com algo que sequer imaginávamos ser possível ser música, Sim, música para nós, um preenchimento do ambiente, e o ambiente fora preenchido, mas agora já não queremos tomar a decisão de mudar, já não queremos ou desejamos mudar, queremos permanecer nesse estado, nesse estado que não conseguimos descrever ou narrar. Mudou tudo, agora é chapa quente, com certeza focarei, aqui é só trabalho, eu que pensava viver percebo-me com mais um que já morreu e não soube, o que sou: um zumbi? Vamos relaxar. Uma frase não sai de nossa consciência: foca no meu bumbum! Rainha da favela. Pausa, quantas taças já foram? Se arrependimento matasse eu já teria morrido, larguei da minha ex- e agora voltei para a minha vida, esse som não preenche o ambiente, mas ele repete e não faz o pensamento ser alentado. Pausa, outra pausa, sem goles, mas já sabendo que hoje, novamente, não iremos finalizar esse texto, mas também sabendo que restam apenas duas taças de vinho, vamos a uma Festa Funk. Então, misteriosa ela vem, começamos muito cedo, ainda era dia, e agora a noite pouco se foi, mas muito já se disse, esse batidão, não é intenso, mas é contagiante. *Ever day, mujeres, me gusta*! O Monte Paschoal passou de sua metade, passou-se a curva, mas qual será essa curva, se lá, no início, não haviam curvas no caminho, o caminho mudou? O batidão segue intenso, sem sentido, sem preenchimento do ambiente, mas ele nos faz mexer, ele nos faz continuar. *Me gusta*, Sim, *me gusta* falar d’Ela e somente dela. Você está carente? Eu sei que eu não valho nada, então se joga, vai que está bom, deixa-se a Intensidade e deseja-se a Pressão, deseja-se um outro desejo, deseja-se um outro desejar. Moça, você entendeu? – *Eu sempre fui um sonhador, a Favela venceu, deixe-nos voar, quem será contra nós?* Fustigado por emoções que eu nunca havia sentido antes, agora sinto-as. Percebo-as como quem percebe uma visão, não qualquer visão, mas uma visão da vida, uma plena visão do incomensurável, do infinito, como se alguns passos dali pudesse-se executar o plano dos planos, encontrar a saída das saídas, tudo sem mencionar qualquer sintonia com o espiritual ou com o que é divino ou mesmo com o que é causa de alívio rápido, não trata-se de uma droga, mas a vida tendo se tornado, momentaneamente uma droga, a ausência de Olyviaa outra droga, mas também, no final, sua presença era como uma droga... Esperava sua chegada, mas quando chegava não deixava de pensar já em sua partida... Assim como não quis, embora sempre tenha considerado como algo necessário, a partida de Olyviaa aliviou-me o coração, aliviou-me a alma. A vida é um incessante movimento de retraimento e de esticamento. E nesse movimento vivemos, algumas atitudes são paras as ações, previamente racionalizadas, para que sejam algo que retrai, outas ainda que sejam ações para que sejam esticadas... E nisso consiste o movimento de conhecimento da vida mesma. Quando o gin acaba, quando o texto está por ser concluído... não queremos concluí-lo assim como não queríamos ter nos despedido de Olyviaa... Aqui há muitas reticências, e onde há reticências, há vida por viver, há vividos não compreendidos, há experiências não experienciadas... A vida é cheia de futilidades, a vida é quase uma futilidade... Concluir e despedir, despedir para concluir, nesse movimento, assíncrono, assim vivemos quando não queríamos mais que desejar, mais que exercer nossas vontades. Isso não é ser distante, ou mesmo sem qualidades, mas sim e muito mais que uma vontade que volta e meia deseja à vontade mesma, deseja que vontade tenha vontade de vontade. Nisso vivemos, entre saudades e despedidas, entre choros e sorrisos, sempre entre... Nunca desejamos, não conscientemente, uma vida com Olyviaa, o que seria o mais óbvio para alguns, mas não. Sempre desejamos o desejar. Sempre buscamos meios e modos de levá-la ao sorriso, nunca chegamos a fazer gracinhas, mas experienciamos alguns sorrisos seus que nunca haviam sido compartilhado antes. O que buscamos? Buscamos desejar, mas desejar um desejo desejante, um desejo que deseja o próprio desejo. Nisso conversaríamos com Olyviaa, nunca foi-nos proibido proibir. Seu conceito de justiça é pleno e interessante.

   -Eu deveria ter a força e a audácia necessárias para dizer: você desagua em mim e eu oceano... *Aqui o mar acaba e a terra principia.* Há uma conduta esperada, há uma praia ainda por ser visitada, há um lugar para ir, mas tudo isso somente fez-nos sentido na presença desejante de Olyviaa. Na presença ardilosa, crítica e criativa de Olyviaa. Desejar o desejo é um movimento pouco ou nada realizável, mas o que é realizável na presença de Olyviaa? Olyviaa o sol também é uma estrela.. [↑](#footnote-ref-8)